

# MÚSICA E INVENÇÃO

## NO DF, NOVAS LINGUAGENS MUSICAIS EM MOSTRA ELETROACÚSTICA

Desenho de Evandro Salles

SEVERINO  
FRANCISCO

A partir de hoje, às 21 horas, e até domingo, no Teatro da Escola-Parque, o brasileiro terá a rara oportunidade de entrar em contato com o caos de inventividade sonora da Música-Eletoacústica, numa amostragem de algumas das mais significativas tendências desta abertura de linguagem contemporânea. Do repertório constam obras dos brasileiros Jorge Antunes, Reginaldo Carvalho, Tim Rescala, Rodolfo Caesar e Vania Dantas Leite - e no repertório da produção européia estão incluídas peças de Jacques Lejeune, Guy Reibel (França), Michael Obst, Ricardo Mandoline (Alemanha) e Denis Smalley (Nova Zelândia). Os ingressos custam 1.000 cruzeiros.

Uma Amostra grátis: a peça **Salve o Brasil**, de Tim Rescala, é composta inteiramente por fragmentos de discursos dos políticos brasileiros (Brizola, Miro Teixeira, Sandra Cavalcanti etc.), discursos dos cartolas do futebol, narrativa radiofônica do jogo Brasil x Itália (última Copa do Mundo), vinhetas da TV Globo, numa sincronização musical/ cinematográfica delirante. Todos os fragmentos de som deslizam, fora dos seus lugares convencionais, abrindo a percepção para novos significados. Tim Rescala tenta associar a fome do gol salvador nos quarenta e poucos minutos do segundo tempo (Brasil x Itália) com a urgência de transformação social.



**A** I Mostra de Música Eletoacústica vai preencher um espaço de informação sobre a produção contemporânea em Brasília: "O público interessado nos movimentos de vanguarda da música, na renovação dos meios composicionais, na variedade enorme de novas tendências que são hoje alvo de pesquisa estética em todo o mundo, não tem, dado o isolamento cultural de Brasília, como nem onde travar contato com a música contemporânea" — diz um texto de Barbárie Produções, responsável pela Mostra.

Rodolfo Caesar, Vania Dantas Leite e Tim Rescala têm realizado todo um trabalho de agitação no Rio de Janeiro, através da organização de festivais, cursos e concertos de música eletroacústica num esforço pessoal, esbarrando em preconceitos dos próprios músicos de vanguarda. A chamada música eletroacústica é resultado da síntese de duas vertentes: a música concreta (que utiliza o som captado por microfone para então trabalhá-lo) e a música eletrônica (produzida sinteticamente por osciladores). A música eletroacústica apareceu, portanto, como uma articulação das técnicas da música concreta

(Pierre Shaeffer e Pierre Henry) e das técnicas eletrônicas (Herbert Eimert, Stockhausen) no final dos anos 40.

— A música eletroacústica é um problema, não é uma solução — comenta Rodolfo Caesar. Ela surgiu de uma guerra entre a música concreta e a música eletrônica, mas, depois, os próprios compositores viram que não havia motivos para preconceitos. A música eletroacústica é um saco de gatos, se abre a milhares de possibilidades estéticas: você pode ser nacionalista, ecologista, panfletário. Mas, pessoalmente, eu acho que há duas maneiras de abordagem: a técnica e a estética. A tendência mais coerente é aquela em que a estética possa justificar a utilização dos meios eletroacústicos.

A abertura da música eletroacústica, em termos de linguagem, ocorre na produção de sons sem notação gráfica, na nova percepção e conceitualização do universo sonoro "fugindo completamente aos parâmetros da música de 30 anos atrás". Ela traz noções como a energia de um som, a temperatura do som, a opacidade do som. "A música popular se serve da música eletroacústica há muito tempo, mas geralmente esta

utilização é anedótica, é feita em cima dos clichês e não como pesquisa de linguagem. Então vira uma coisa kitsch. Há exceções: Jimi Hendrix foi a maior, utilizou estes recursos de forma realmente inventiva".

Entretanto, as possibilidades expressivas de linguagem, criadas pela música eletroacústica, podem ser aplicadas a qualquer veículo, qualquer espaço, estão abertas à experimentação. O artista plástico Evandro Salles, um dos coordenadores da Barbárie Produções, dá um exemplo em que ele próprio foi protagonista. Em uma de suas exposições, no Rio de Janeiro, Tim Rescala elaborou uma colagem eletroacústica, a partir de um caótico texto de apresentação, funcionando como ambientação sonora.

Depois de sete anos de batalha, o grupo do Rio (Rodolfo, Tim, Vania Dantas) conseguiu instalar um estúdio para a produção de música eletroacústica, ainda precário a se considerar o estágio de avanço tecnológico, com doze canais de gravação, quatro de saída, sintetizador: "Nós já estamos na época do computador" — comenta Rodolfo. E argumenta: a aparelhagem necessária à produ-

ção de música eletroacústica fica na mesma faixa dos gastos com o rock de fundo de garagem: "Com esta grana você pode montar um estúdio pequeno".

Falta programação constante, horários nos espaços de rádio, informação, discussão, produção de discos — atenção da crítica — aponta Rodolfo: "Música eletroacústica é uma coisa que vai demorar a pegar no Brasil, muito mais do que lá fora. Os críticos do Rio não assistem aos concertos. A minha preocupação não é com uma divulgação total. Eu só quero fazer um trabalho que tenha respostas. Eu só não quero é ficar monologando. A música eletrônica é a que vai mais longe no problema da linguagem musical".

A peça **Candomblet**, de Rodolfo Caesar, será apresentada com coreografia e dança da brasileira Maura Baiocchi; **Stances**, de Vania Dantas, é acompanhada de projeções de desenho-partituras do artista plástico Paulo Garcez; e **Salve o Brasil**, de Tim Rescala, também será coreografada por atores brasileiros. "A gente não quer trazer apenas espetáculos de fora, mas promover uma integração do fazer artístico" — explica Evandro Salles.